



3RF30S FUNCIONAIS

FUNCTIONAL ORPHANS

Marcos Ronaldo Gonalves¹
Fred Roland Bornschein²

RESUMO

Os 3rf30s funcionais t3m pai e m3e, mas estes negligenciam suas responsabilidades no que 3 pertinente 3 fun3o parental, tornando-se ausentes. A aus3ncia dos pais compromete o desenvolvimento da maturidade dos filhos, o que os deixa sem orienta3o, prop3sito, significado e sentido de vida. Este artigo tem por objetivo analisar a realidade acerca dos 3rf30s funcionais, o quanto este tipo de orfanidade 3 nociva ao indiv3duo e 3 sociedade, buscando encontrar meios para ajudar as pessoas a superarem a situa3o de 3rf30s funcionais. Atrav3s de pesquisas bibliogr3ficas, s3o abordados conceitos sobre o temas, e tamb3m motivos que fazem pais e m3es serem ausentes na educa3o de seus filhos. E, por conseguinte, argumenta-se como Deus pode suprir a aus3ncia dos pais na vida do filhos. Frente a este alerta, os pais tem o dever moral e 3tico de pensar a respeito de quais s3o suas prioridades de vida, e na forma como est3o exercendo sua fun3o como educadores. E, desta forma, a igreja deve se preparar, estudando a respeito do assunto e, como formadora de opini3o, alertar e orientar os pais sobre a orfanidade funcional, sendo a igreja, ainda mais relevante na vida das fam3lias e conseq3entemente para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: 3rf30s funcionais. Neglig3ncia. Aus3ncia. Fun3o parental. Responsabilidade.

ABSTRACT

Functional orphans have father and mother, but these parents neglect their responsibilities in what is pertinent to parental function, becoming absent. The absence of the parents compromises the development of children's maturity, which leaves them without direction, purpose, meaning and sense of life. This article aims to analyze the reality of functional orphans, how this type of orphanhood is harmful to the individual and society, seeking to find ways to help as people overcome a situation of functional orphans. Through bibliographic research, concepts of orphans and functional orphans are discussed, as well as reasons that make parents absent in their children's education. And therefore, It is argued how God can supply the absence of the parents in children's life. Faced with this warning, parents have a moral and ethical duty to think about what their life priorities are. And, in this way, the church must prepare, study

¹Bacharel em Teologia da Faculdade Fidelis. Marcosronaldo33@hotmail.com.

² Mestre em Teologia pela PUCPR. Docente da Faculdade Fidelis. fred.bornschein@fidelis.edu.br

about, and as an opinion form, alert and guide parents about functional orphanhood, being even more relevant in the lives of families and, consequently, in society.

KEYWORDS: Functional orphans. Negligence. Absence. Parental Function. Responsibility.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para essa pesquisa bibliográfica é sobre os “Órfãos Funcionais”. Existem pelos menos dois tipos de órfãos: filhos de pelo menos um dos pais que vieram a óbito e órfãos de pais vivos, mas negligentes e ausentes. São estes, os de pais vivos, os “órfãos funcionais” que serão objeto desta pesquisa.

Por meio dela, pretende-se demonstrar a relevância do tema, servindo de ajuda para muitas pessoas que, tendo vivenciado a orfandade funcional, saibam que há esperança de preenchimento de um possível vazio existencial. Além disso, que este presente trabalho de pesquisa sirva como um alerta para os pais, mostrando como a negligência na educação dos filhos pode ser danosa para toda a sua existência.

Sinay (2012, p. 10-14) classifica a orfandade funcional como “epidemia”, e intitula seu livro sobre o tema como: “A sociedade dos filhos órfãos”. O autor aborda na sua obra, a questão da orfandade funcional devido à negligência de pais e mães de assumirem o que é pertinente à função parental. Ele argumenta que a ausência dos pais compromete o desenvolvimento da maturidade dos filhos, o que os deixam sem orientação, propósito, significado e sentido de vida.

Talvez não intencionalmente, de certa forma, como aborda Cury (2003, p. 11, 15), os pais sonharam coisas melhores para seus filhos daquilo que não puderam ter ou ser, e por isso, dão brinquedos, computadores, televisão para que os filhos fiquem em casa e tenham mais segurança, enquanto que outros pais matricularam seus filhos em cursos de capacitação pessoal. E isto, para este autor, não é educar a emoção e muito menos incentivo de funções da inteligência, pois informação não é formação, “como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor” (CURY, 2003, p. 15).

Enfim, pais que educam nesses moldes, acabam por impedir a infância de seus filhos, criando um mundo artificial para os mesmos, gerando “sérias consequências no território da emoção, no anfiteatro dos pensamentos e no solo da memória deles” (CURY, 2003, p. 12). Os resultados são alarmantes, e são verificados na imensidão de transtornos emocionais, doenças psicossomáticas, depressão em crianças, e em fase posteriores a infância, em adolescentes

obsessivos, com pânico e fobias, tímidos e outros agressivos, além de transtornos de ansiedade (CURY, 2003, p. 15).

Diante da seriedade do assunto, ficou proposto como objetivos principais do presente artigo: analisar a realidade acerca dos “órfãos funcionais”; levantar informações sobre a orfandade funcional; e analisar o quanto ela é prejudicial. Buscando assim, encontrar caminhos que ajudem o órfão funcional superar ou modificar sua condição.

Já os objetivos secundários, abordarão a bibliografia relacionada ao tema dos órfãos e órfãos funcionais, para levantamento de informações de modo que haja o entendimento da diferença entre os mesmos. Procurar-se-á demonstrar os motivos que levam pais e mães a se tornarem ausentes para com seus filhos, bem como, as consequências da orfandade funcional. Não obstante, pretende-se mostrar aos órfãos de pais ausentes, como podem superar esta realidade. Igualmente dentro dos objetivos secundários, será realizada uma pesquisa bíblica do que as Escrituras falam a respeito do órfão. Procurando também, demonstrar como as ausências paterna e materna podem ser supridas por Deus.

1 CONCEITOS DE ÓRFÃO, ÓRFÃO FUNCIONAL E SUAS DIFERENÇAS

O conceito de órfão, segundo o “Dicionário Aurélio Online”³, é de uma pessoa desprovida de um dos pais, ou ambos, ou alguém que a quem estimava ou que o protegia.

A “Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia”, de Champlin e Bentes (1991, p. 618), cita a origem da palavra órfão, no termo grego “*órfhanós*” significando “destituído”. É uma palavra correspondente ao hebraico “*yathom*”, ou seja, solitário e sem pai. “Um órfão é alguém, menor de idade, que perdeu ambos os pais, mediante a morte; mas o abandono de uma criança, por parte de seus genitores, também a transforma em órfã” (CHAMPLIN e BENTES, 1991, p. 618). O órfão no Velho Testamento, conforme Champlin e Bentes (1991, p. 618), é alguém “privado de situação legal, sem qualquer parente remidor”.

Moraes e Santos (2015, p. 185) utilizam o conceito de órfão do *Dicionário Digital Priberam*, que, em lugar de perda, usa o termo “privação”, ampliando o conceito deste vocábulo. Estes autores definem a orfandade de crianças que, mesmo tendo ainda seus pais, “vivem como se fossem órfãs”, de “órfãos com pai e mãe” ou “órfãos por omissão” (MORAES E SANTOS, 2015, p. 186-188).

Já Sinay (2012, p. 11, 12) conceitua “órfãos funcionais” as crianças e adolescentes que

³ Fonte do Dicionário Aurélio Online: <https://dicionariodoaurelio.com/orfao>

tem pai e mãe, ou tem adultos sem ligações biológicas que são responsáveis pela sua criação e educação, mas que se tornam ausentes e negligenciam as suas responsabilidades para com os filhos. Muitas vezes estes pais e responsáveis negligentes tentam compensar seu descaso, matriculando os filhos em boas escolas, dando a eles todo o tipo de coisas, como brinquedos, alimentação, vestuário, etc.

Os órfãos funcionais são classificados por Sinay (2012, p. 12) da seguinte maneira:

- a) Órfãos emocionais. Esta orfandade consiste na “ausência de fontes nas quais possam nutrir e expressar seu mundo afetivo a partir da interação contínua e ativa com os adultos mais próximos, os pais”;
- b) Órfãos de ética, quando há “privação de referências concretas, reais, constantes para a construção e o exercício de uma escala de valores que são transmitidos com presença e atitude”;
- c) Órfãos de *logos*⁴, quando há “ausência de conversas, exemplos vivos, experiências compartilhadas com os adultos que deem lugar a uma conexão precoce com a vontade de construir uma vida com sentido”;
- d) Órfãos espirituais, em que há “falta de um ambiente criado pelos adultos mais próximos, e estimulado por eles, em que se possa ir mais além das simples e imediatas questões materiais”;
- e) Órfãos afetivos, devido à “carência de sinais consistentes e constantes, emitidos por seus adultos, que ratifiquem seu valor como pessoa, sua importância, seu caráter especial”;
- f) Órfãos normativos, existem quando há “falta de limites que permitam aprender a conviver de uma maneira construtiva, que gerem noções de valor, que construam ambientes seguros e favoráveis ao próprio desenvolvimento”.

A diferença entre órfão e órfão funcional, conforme os conceitos citados, é a seguinte: Órfão é quem perdeu um dos pais ou ambos, ou até mesmo perdeu alguém que o protegia. O órfão funcional é quem tem os pais vivos, mas os mesmos “não estão próximos, delegam a outros (pessoas, instituições, artefatos)⁵” a educação de seus filhos (SINAY, 2012, p. 76).

⁴ *Logos* palavra de origem grega que significa: Palavra. (Dicionário Online Priberam)

⁵ Pessoas e instituições são quando pais e mães passam “a responsabilidade totalitária da educação e identificação social aos professores no ensino fundamental” (MOREIRA, 2014, *apud* MORAES e SANTOS, 2015, p. 186). “Artefatos” ou bens materiais são: “Televisão-lixo, [...] tecnologia vazia, [...] videogames a psicofármacos (sim, para crianças), [...] parques temáticos a fenômenos pseudoliterários ou álcool à vontade” (SINAY, 2012, p. 12, 13).

2 POSSÍVEIS CAUSAS DA ORFANDEADE FUNCIONAL

As configurações e reconfigurações familiares no decorrer da história podem ser causas da orfandade funcional. Atualmente, instala-se a visão de que a família já não consiste numa união permanente, duradoura. “Há uma união de duração relativa entre indivíduos que buscam relações íntimas ou realização sexual” (ROUDINESCO, 2003, *apud* VITORELLO, 2011, p. 12, 13).

Neste contexto, tem surgido uma diversidade de configurações familiares:

Famílias “recompostas”, famílias com a “guarda compartilhada dos filhos, famílias “extensivas” nas quais, filhos e avós convivem na mesma casa, mães solteiras” ou “separadas” com a responsabilidade de cuidarem sozinhas dos filhos. Encontramos situações nas quais há o pai-avô, a mãe-avó, a filha-mãe, o pai-filho. Será que os papéis e funções estão bem definidos nessa nova família? Haverá nesse contexto clareza sobre quem desempenha o quê? Quem se responsabiliza pelas crianças? São os avós ou os pais? O pai? A mãe? (VITORELLO, 2011, p. 13).

Diante de tais fatores de configurações e reconfigurações das famílias ao longo do tempo, pergunta-se: “como estão sendo construídas para as crianças as referências paternas e maternas na família atual” (VITORELLO, 2011, p. 13). Deve-se considerar que, a família tem função estruturadora dupla na vida de uma criança:

Primeiramente, na satisfação de necessidades básicas como alimentação, calor, abrigo e proteção; em segundo lugar, proporcionando-lhe um ambiente no qual possa desenvolver ao máximo suas capacidades físicas, mentais e sociais. Bowlby (1988) complementa dizendo que para poder lidar eficazmente quando adulto, com o seu meio físico e social, é necessária uma atmosfera de afeição e segurança (BOWLBY, 1988, *apud* MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 02).

A falta desse ambiente de afeição e segurança causa orfandade funcional. E o agravante, é que no tocante à família contemporânea, “acredita-se que ela tenha perdido o seu papel de mediação protetora entre o indivíduo e a sociedade, e, em decorrência disso, um sentimento de orfandade acaba por tomar conta de crianças e adolescentes” (SARAIVA, REINHARDT E SOUZA 2012, p. 54).

Assim, emergem preocupações e questionamentos:

Como dormem as crianças na sociedade dos filhos órfãos, uma sociedade de indivíduos majoritariamente insatisfeitos, angustiados pelo vazio existencial, que correm agitados e ansiosos para destinos imprecisos e escorregadios, uma sociedade que não repousa e que costuma se vangloriar desse ritmo? (SINAY, 2012, p. 156).

Nesse contexto atual da sociedade percebe-se, retomando o conceito citado anteriormente sobre órfãos funcionais, que os filhos estão sofrendo pelo abandono ou negligência dos pais. Hoje, de acordo com Sinay (2012, p. 12), os pais, dão de tudo para os filhos, como brinquedos, alimentação e vestuário, inclusive matriculando-os em boas escolas, mas se tornam ausentes na sua criação gerando uma sociedade de filhos órfãos.

E isso acontece quando os adultos evitam o próprio amadurecimento e se comportam como seus filhos, “tentam fugir do tempo, se mimetizam⁶ com as crianças e adolescentes”, mas não assumem responsabilidades, como a criação, educação, a colocação de limites dos próprios filhos. E ainda “se drogam”, entorpecem-se com “todo o tipo de bens, atividades, fármacos, exercícios pseudoespirituais e terapias”. E o preço a ser pago por estas atitudes pode ser a orfandade de seus próprios filhos (SINAY, 2012, p. 11).

O autor ainda argumenta:

Quando desertamos da consciência, do compromisso, da responsabilidade e do amor implícitos à concepção de uma vida, o acidente tem como resultado a orfandade. [...] Quando essa deserção se converte – cruel paradoxo – em um modelo de criação, nos vemos cercados por legiões de órfãos (SINAY, 2012, p. 22).

Na sociedade de consumo pós-moderna, em que tudo é uma busca da satisfação própria, há a deserção das responsabilidades paternas e maternas causando a orfandade funcional, e caracterizando-a atualmente como a sociedade de filhos órfãos.

A lógica de pensar no mundo pós-moderno conduz as pessoas a se preocuparem apenas consigo mesmas, não sendo “poucas as pessoas que deixam de dar atenção, carinho e cuidado aos seus filhos, numa tentativa frenética de buscar apenas a felicidade pessoal” (MORAES e SANTOS, 2015, p. 186). Pais e mães estão trabalhando tanto, a ponto de negligenciarem o “prioritário tempo necessário para construir um vínculo de afeto, confiança, cooperação, intimidade, criatividade, transcendência. Em síntese um amor com seus filhos” (SINAY, 2012, p. 76).

Justifica-se, nesse contexto, a pergunta de Sinay (2012, p. 68): será que “há, nessas condições, tempo físico, psíquico, e emocional para se conectar aos filhos, ouvir suas necessidades mais profundas, reconhecer a rica individualidade de suas vidas, orientá-los, estabelecer uma conexão empática com eles?”. E, desta forma, muitas crianças tem vivido, no seu cotidiano, privadas de afeto e de um tempo de qualidade com seus pais e mães. E eles, tentam compensar a carência do envolvimento responsável com seus filhos com presentes

⁶ Mimetizar significa: imitar. (Priberam, Dicionário Online).

materiais e não impondo limites e muito menos confrontando seus filhos (MORAES e SANTOS, 2015, p. 189).

Causas da orfandade funcional podem estar na forma de como os pais pensam e, por conseguinte, como se relacionam com os seus filhos no dia a dia. Segundo Sinay (2012, p. 130-144), os filhos são educados através de atitudes e, reforça a importância dos pais estabelecerem regras e limites. Para o autor muitos pais, querendo a aceitação de seus filhos, desautorizam a escola defendendo seus filhos, compram-lhes celulares, mesmo não sendo uma necessidade básica e não lhes deixam faltar nada.

Nesta sociedade de órfãos funcionais, pais e mães estão confundindo amizade e amor, crendo que sendo “amiguinhos” de seus filhos estão demonstrando amor. Até retrocedem a linguagem ao nível dos filhos, usam vestuário de adolescentes e até o mesmo guarda roupa, e vão aos mesmos shows que os filhos (SINAY, p. 166-170).

Esses pais “amigos”, no seu íntimo, são conduzidos pelo medo de amadurecer e de encarar as responsabilidades que lhes são atribuídas como adultos (SINAY, 2012, p. 170-172). Assim, é bem significativa a descrição de Corso (1995, p.149), que estamos vivendo épocas de um vazio da presença dos pais e não da falta dos pais reais.

Como conclusão, pode-se dizer que há muitas causas possíveis da orfandade funcional. Elas vão desde a forma que a sociedade se comporta nos relacionamentos, as configurações familiares, a importância que se dá à fase infantil, até à maneira como os pais pensam que devem se relacionar com os filhos. Todos estes fatores influenciam o surgimento da ausência paterna e materna na educação dos seus rebentos. Todavia, percebe-se um ponto em comum em todos estes elementos geradores da orfandade funcional: a necessidade dos pais e mães definirem quais são suas prioridades de vida, a sua autossatisfação ou a educação dos filhos.

3 CONSEQUÊNCIAS DA ORFANDE FUNCIONAL









Como citado no capítulo sobre as causas da orfandade funcional, a deserção dos pais de suas responsabilidades provoca a orfandade. E com a mesma, consequências surgem, como “filhos sem amor, sem referência, sem alimento emocional, sem orientação ética, sem modelos existenciais, sem nutrientes espirituais” (SINAY, 2012, p. 22).

3.1 CONSEQUÊNCIAS DANOSAS CAUSADAS PELA AUSÊNCIA PATERNA

Diante da importância da função parental é necessário citar diversas psicopatologias⁷ que surgem na criança devido à ausência paterna (SARAIVA, REINHARDT e SOUZA, 2012, p. 58).

Thompson (2011, p. 59-63), denomina esses tipos de psicopatologias como a “síndrome da ausência paterna”. O exemplo destas psicopatologias está em uma pesquisa realizada com crianças, filhos e filhas de militares entre três e dezoito anos, cujos pais eram soldados americanos, que ficavam em casa pouco tempo e logo tinham que voltar para alguma missão, demorando a retornarem.

E analisando os dados, bem como as reações dos filhos, o autor as relacionou como sendo “os principais sintomas das patologias sociais de nossos dias”. Os sintomas mais comuns eram: revolta, negação e fantasia; tentativas de reencontro; sentimento de culpa; medo; distúrbios funcionais; regressão. E as patologias sociais detectadas na pesquisa foram: crime; distúrbios de personalidade; atitude possessiva; rebeldia; depressão e delinquência; neuroses; distúrbios psicossomáticos; psicoses. Segue o quadro da relação dos sintomas das principais patologias sociais detectadas.

| REAÇÃO DA CRIANÇA |  | SINTOMA SOCIAL |
|--------------------------|---|----------------------------|
| Sentimento de revolta |  | Crime |
| Negação e fantasia |  | Distúrbio de personalidade |
| Ânsia de ver |  | Possessividade |
| Sentimento de culpa |  | Na internalização |
| | | Depressão |
| | | No extravasamento |
| Medo |  | Delinquência |
| Desordens funcionais |  | Neuroses |
| Regressão |  | Distúrbios psicossomáticos |
| | | Psicoses |

Portanto, como afirma Saraiva, Reinhardt e Souza (2012, p. 55-57), o pai tem função estruturante que influi no desenvolvimento da criança. Quando este desenvolvimento é prejudicado, as consequências são negativas para a evolução do filho e da sociedade. Os pais, destacando a figura paterna, necessitam repensar como a sua presença e o seu cuidado na educação de seus filhos e filhas são vitais para o bem estar deles, principalmente para evitar, ou pelo menos amenizar, as consequências danosas causadas pela ausência paterna. Pois, no

⁷ Psicopatologia é o “estudo das doenças mentais” (Priberam, Dicionário Online)

exercício da função maternal satisfatória, inclui o pai, e o termo paternal tem que estar depois do maternal (WINNICOTT, 2005, p. 149).

3.2 CONSEQUÊNCIAS DA AUSENCIA MATERNA

No caso da ausência materna, seja física ou emocional, as consequências para os filhos, segundo Lebovici (1987, *apud* MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 03), podem ser físicas, intelectuais e sociais, sendo motivo do aparecimento de doenças físicas e emocionais.

Existem fases importantes na estruturação das características psicológicas da criança até os três anos de idade, e que são determinados por dois fatores:

Primeiro, a dotação genética do bebê, que o impulsiona para o vínculo com o meio ambiente, permitindo perceber e aceitar os cuidados proporcionados pela mãe; e, segundo, a maternagem, ou seja, a presença de uma mãe que verdadeiramente proporcione esses cuidados (MAHLER, 1993, *apud* MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 04).

Desta forma, se a mãe não cumpre com o seu papel nesses dois fatores citados, a criança terá maiores probabilidades de falhar nas tarefas que esses fatores evidenciam, que consiste no apego com o meio ambiente, a percepção e aceitação dos cuidados da mãe.

Para exemplificar, os autores citam o caso de Ana, uma menina de oito anos que repetiu a primeira série do ensino fundamental. A garota apresentava insuficiência no rendimento escolar, com notas ruins e complicações ao ler e escrever. Os relatos da mãe sobre o comportamento da filha mencionavam uma criança agitada, com “dificuldade para concentrar-se nas atividades escolares e na realização das tarefas de casa, impaciência, intolerância, dificuldades para conciliar o sono e hiperatividade” (MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 06).

Neste caso, conforme os autores, a mãe negligenciou o cuidado em relação à criança até os três anos de idade, período essencial para a estruturação psíquica. A criança passou por vários acidentes desde que nasceu, e essas situações perigosas, demonstraram “a negligência materna no estabelecimento através do vínculo afetivo, de vivências de relação calorosa, íntima, reconfortante e prazerosa com a mãe” (MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 08).

Por conseguinte, a mãe falhou em “oferecer, através dos cuidados físicos e afetivos, base segura e continência ao desenvolvimento normal da filha” (BOWLBY, 1988, *apud* MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 08). A mãe na tentativa de reparar ou compensar sua falta de habilidade materna começou a superproteger a criança, mas somente complicou a situação gerando mais traumas a ela (MONDARDO e VALENTINA, 1998, p. 08).

De acordo com Mielnik (1982, p. 30, 31), a relação da criança com a mãe interfere no desenvolvimento da maturidade infantil, seja física, sexual, psíquica, emocional, social e intelectual. Por isso, é importantíssimo o cuidado da mãe para com a criança, sendo que, segundo Winnicott (1975, p. 210-214), é na infância que está a base para a saúde mental. Sendo assim, os erros do pai e da mãe, segundo Mielnik (1982, p. 39), contribuem para o surgimento de distúrbios mentais⁸.

Desta forma, a mãe que também tem importante função na estruturação psíquica das crianças, tem o dever moral e ético de oferecer afeto e base segura à criança. E, se houver falhas no cuidado com os filhos e filhas que não sejam por negligência de afetividade, basta, segundo Winnicott (2005, p. 49), uma figura materna suficientemente boa.

4 SUPERANDO A ORFANDADE FUNCIONAL

Neste capítulo estão contidas algumas indicações de instrumentos e caminhos para auxiliarem no processo da superação da orfandade funcional.

4.1 GENOGRAMA

Para uma pessoa em situação de orfandade funcional, uma ajuda significativa para superar seus traumas é a elaboração de um genograma. Pois há inúmeras questões de caráter “simples ou superficiais” que, conforme Pedrini (1998, p. 33, 34), podem ser “tratados, cuidados, curados, através de boa orientação e indicação de pequenas terapias”. Por isso, é importante a racionalização, meditação ou ponderação, buscando a verificação da origem da frustração, de forma a compreendê-la para anular suas ações (AMARO, 2010, p. 27).

Sendo assim, o genograma, além de um meio de orientação, de acordo com Stoop (2014, p. 73), é um instrumento útil para compreender a dinâmica de como a família está sistematizada, bem como, o seu funcionamento. O genograma é:

Uma espécie de árvore genealógica expandida, que mapeia os aspectos relacionais e emocionais de uma família através de várias gerações. Inclui o tipo de informação que uma típica árvore genealógica iria conter – nomes, aniversários, casamentos, divórcios, mortes e outros. Mas também inclui breves descrições de membros de família, seus pontos fortes e fracos, aspectos de suas vidas que possam ter um efeito de continuidade ao longo dos anos, bem como o tipo de relacionamento que cada um tinha com os outros membros da família (STOOP, 2014, p. 73).

⁸ Distúrbio mental significa: “toda distorção, exagero ou diminuição de processos normais da função intelectual” (MIELNIK, 1982, p. 39).

O genograma, de acordo com o autor, tem as funções de reunir informações e auxiliar na identificação de paradigmas que influenciam e tem influenciado a família durante várias gerações.

Conforme Esperandio e August (2014, p. 245), “é na tenra idade que se molda o comportamento do ser humano”, e, deste modo conforme Stoop (2014, p. 24), as pessoas são resultados de suas famílias e suas dinâmicas, que por sua vez, determinam a forma de cada indivíduo se relacionar consigo e com os outros. E, em muitos casos, de acordo com este mesmo autor, o ponto chave da recuperação está na forma como a família se relaciona. E exemplificou casos em que “homens e mulheres passaram a compreender a forma como estas dinâmicas os têm afetado, têm sido capazes de se libertar do seu efeito e passar a viver uma vida mais feliz” (STOOP, 2014, p. 24).

O genograma como recurso terapêutico possibilita gerar significados nas experiências vividas, agregando-os às histórias das famílias, o que proporciona novas possibilidades para enfrentar os problemas, de ser, relacionar-se e viver no mundo (KRUGER e WERLANG, 2008, p. 415-417). O que corrobora para com a afirmação de Esperandio e August (2014, p. 245), em “que os padrões que constituem a subjetividade são passíveis de transformações ao longo do processo existencial”.

Essa ferramenta, o genograma, segundo Stoop (2014, p. 73, 74), tem três benefícios principais. Sendo que o primeiro é a compreensão, o segundo é o potencial de mudança e o terceiro é o perdão.

O benefício da compreensão conduz a pessoa a entender a própria família de uma forma mais ampla e sistêmica. Sendo um auxílio na identificação de padrões que exercem influência na família, e em si mesmo, podendo até conseguir especificar os padrões de impacto em gerações e em indivíduos pertencentes à família (STOOP, 2014, p. 74). O que possibilita o benefício do potencial de mudança ocorre pelo aumento da compreensão das situações problemáticas e dos aspectos de fraqueza, e isto torna possível a transformação (STOOP, 2014, p. 74).

Chega-se ao benefício do perdão, que conforme o Stoop (2014, p. 74), é o meio para se encontrar a liberdade dos efeitos negativos do passado. O perdão além de romper com os padrões de comportamentos e reações “*permite que os relacionamentos comecem novamente*” (YANCEY, 1991, *apud* STOOP, 2014, p. 120, *itálico do autor*).

Stoop descreve que o perdão é um processo na libertação das feridas para alguém que

cresceu em uma família disfuncional⁹. E para ele, “o importante não é só descobrir onde estão os problemas e quem são os vilões. O importante é o que fazemos com esta informação, agora que a temos” (STOOP, 2014, p. 114). Sendo assim, o autor dispõe os doze passos práticos para superar as feridas, neste caso, a orfandade funcional.

O primeiro passo é quando se admite as impotências nas fases de dependência e que situações da vida se tornaram sem controle. Este passo consiste em, estar consciente de que não podemos mudar o passado, e as feridas existem. E é importante perceber que se pode encontrar ajuda em outras pessoas. O segundo passo, consiste em se convencer de que as feridas podem ser saradas por alguém maior, Deus. Tentar com a própria força, frustra e conduz para mais distante da cura. O terceiro está na decisão de confiar a vida aos cuidados de Deus, Ele liberta e preenche o vazio existencial. No quarto passo, confecciona-se uma lista sobre a própria moralidade, para o reconhecimento de certos desvios de conduta e pecados cometidos, como vícios. Bem como, fazer uma lista de pecados cometidos contra si mesmo para iniciar o processo do perdão para si e para os outros (STOOP, 2014, p. 219-222).

O quinto passo está em confessar para si mesmo e para os outros quais exatamente são os pecados cometidos. Confessando primeiro a Deus e depois para alguém de muita confiança. Confessar para uma pessoa além de Deus, reforça a decisão de viver na luz da verdade, rejeitando mentiras que atuam como prisões. O sexto passo, é permitir que Deus trabalhe removendo as falhas de caráter, sendo que o foco está em aceitar as pessoas como são, e não mudá-las, mas sim, liberar perdão.

No sétimo passo, aprende-se a pedir que Deus remova os defeitos, diante das recusas das pessoas se houve isolamento e o aprendizado da autossuficiência. Agora, a autossuficiência deve ser deixada de lado e pedir para Deus preencher o vazio existencial ao mesmo tempo em que Ele remove os defeitos (STOOP, 2014, p. 222-224).

Oitavo passo, fazer uma lista de pessoas que foram prejudicadas e, se dispor às devidas reparações. Assim, se assume as responsabilidades pelas próprias atitudes, trabalhando simultaneamente o arrependimento e perdão. O nono passo, sendo possível, deve-se fazer reparações diretas, mas sempre pensando e orando em como fazer o devido conserto para com a pessoa ofensora ou ofendida. No décimo passo, continua-se realizando o inventário sobre o próprio comportamento, e analisa se os limites colocados para as pessoas ainda estão íntegros, para evitar o retorno de padrões prejudiciais. Se necessário for, liberar perdão novamente é essencial. (STOOP, 2014, p. 224, 225)

⁹ Disfuncional segundo Stoop (2014, p. 25), “significa que algo não funciona da forma como foi concebido”.

Décimo primeiro passo, aponta para a importância de orar, meditar e continuar no processo do perdão. Assim, melhorar o relacionamento consciente com Deus, de forma mais saudável, sem se sentir abandonado por Ele por causa das feridas emocionais, e, conseqüentemente, conhecendo a vontade Dele. No décimo segundo passo, procura-se levar aquilo que se aprendeu a outros [órfãos funcionais], mantendo a prática destes passos (STOOP, 2014, p. 225, 226).

Em suma: a compreensão da história da própria família; a liberação do perdão; o rompimento dos padrões causados por efeitos passados e, não menos importante; o recomeço dos relacionamentos, permite a uma pessoa na condição de órfão funcional a buscar a superação deste tipo de orfandade preenchendo seu vazio existencial. Lembrando que, segundo Pedrini (1998), em problemas de natureza mais profunda, deve-se procurar a ajuda de profissionais qualificados.

4.2 ASSUMIR RESPONSABILIDADES

Pessoas em situação de orfandade funcional que tiverem em torno de trinta anos de idade, e ainda moram com seus pais, não devem recusar sair da casa deles. Precisam assumir sua idade e responsabilidades buscando a maturidade, não retrocedendo a uma atitude de eternos adolescentes (SINAY, 2012, p. 14). Neste caso, é importante não transferir responsabilidades ou culpar os pais e mães pela sua condição. Os filhos não devem considerar as influências negativas que tiveram da parte de seus pais como justificativa para não assumirem responsabilidades e buscar maturidade.

Para isso, Thompson (2011, p. 59) cita o texto bíblico de Ezequiel 18:2, onde o Senhor questiona, através deste mesmo profeta, a aplicação que o povo de Israel fazia do provérbio: “Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotam?”¹⁰ (NVI, 2003, p. 1397). O povo de Israel estava afirmando que seus problemas atuais eram resultado dos erros que os pais cometeram no passado. Mas Deus, através do profeta Ezequiel corrige o povo, argumentando que cada um é responsável por si mesmo.

Diante dos problemas que os erros de pais e mães geram nos filhos, torna-se importante o exemplo analisado por Thompson (2011, p. 21). Ele cita o caso de uma pessoa chamada Larry, que sofreu de rejeição por seu pai na infância e a superou. No processo de cura e mudança de mente, orientou-o a ser responsável por suas decisões e conduta, tomando “a firme decisão de

¹⁰ As “uvas verdes representam os problemas ou falhas dos pais, e o embotamento dos dentes tudo aquilo que afeta negativamente o desenvolvimento dos filhos” (Thompson, 2011, p. 64).

dar as costas a todas as práticas autodestrutivas e adotar atitudes corretas, santas e construtivas” (THOMPSON, 2011, p. 21).

Desta forma, Larry prosseguiu no processo de superação da ausência afetiva de seu pai e da cura das feridas que lhe foram causadas. Larry foi uma pessoa que estava em situação de orfandade funcional e que deu passos práticos na superação de sua condição.

Assumir responsabilidades e amadurecer são atitudes importantes para superar a orfandade funcional. Por isso, há a necessidade da pessoa se observar para identificar a criança interior que não “cresceu” e que está atuando no controle de sua própria vida.

Sendo que, “os conflitos não resolvidos na infância, geram no indivíduo padrões de comportamento imaturos na fase adulta, [...] podemos apreciar a criança que há em cada um de nós, mas é errado deixar que ela assuma o comando” (THOMPSON, 2011, p. 64). E Amaro (2010, p. 27), num contexto semelhante, descreve que tais atitudes na vida adulta são mecanismos de defesa contra a frustração da fase infantil e explica que isto ocorre com muitas pessoas, de forma inconsciente.

Além das atitudes autodestrutivas de Larry, outros exemplos podem ser observados na descrição de Sinay (2012, p. 14) cujo filhos e filhas, já crescidos, causam acidentes com seus veículos nos mais variados lugares e horários, entorpecidos com algum tipo de droga. Brigam e destroem propriedades alheias sem motivos válidos e andam bêbados pelas ruas. Segundo o autor, são pessoas maduras no quesito, mas psicologicamente imaturos. Desta forma, deve haver uma busca constante da maturidade através da aceitação das responsabilidades, principalmente em áreas onde não houve crescimento, de maneira que haja uma transformação da sua própria realidade.

4.3 RELACIONAMENTO COM DEUS

Para aqueles que acreditam em Jesus Cristo ou não, o relacionamento próximo com Deus é motivo de superação da orfandade funcional. Pedrini (1998, p. 36) cita frases de Jesus que disse ter vindo para curar os enfermos e dar vida em abundância ao homem, que é formado por espírito, psique¹¹ e corpo. Para este autor:

Jesus é o salvador do homem. Jesus é o autor da graça salvífica para o homem. Ora, se a graça aperfeiçoa a natureza e Jesus é o autor desta graça, então é Jesus mesmo que aperfeiçoa a natureza humana, pela ação do Espírito Santo. É Jesus quem cura a natureza e a liberta, embeleza-a, torna-a mais perfeita. (PEDRINI, 1998, p. 36).

¹¹ Significado de psique: “ALMA ALOM-BACUTE O uso da palavra *nephesh*, no Antigo Testamento, tem a sua continuidade no Novo Testamento, até certo ponto por meio da palavra grega *psyche*” (WYCLIFFE, 2007, p. 80).

Deste modo, segundo Pedrini (1998, p. 36), é a vontade de Jesus, e também é ser sábio, intencional na fé, pedir a Jesus que está vivo, mediante sua graça e redenção, que cure, salve, liberte e aperfeiçoe. Em 2 Coríntios descreve que o “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação; ele nos consola em todas as nossas tribulações” (TEB, 1994, p. 2233).

Mais exemplos de relacionamento com Deus que possam ajudar o órfão funcional para superar seu estado, podem ser verificados nas formas como Deus supre aquilo que lhe faltou por parte de seus pais, e estão descritos nos capítulos posteriores do presente artigo.

4.4 SUPRIR OS FILHOS COM AFETIVIDADE

Os filhos necessitam sentir amor, já que seu caráter é resultante desta relação com os pais (CLOUD e TOWSEND, 2001, p. 19). Segundo Chapman (2004, p.133), na infância esse sentimento está ligado à segurança, caso contrário, a criança sentirá insegurança. O autor ainda argumenta que não se ama apenas com palavras, e orienta os pais observarem nos filhos o que os fazem se sentirem amados.

As crianças sentem o amor dos pais de formas diferente, de acordo com Chapman (2004, p. 133 – 134): algumas quando os pais “conversam com elas; outras quando os pais fazem algo especial por elas. Outras, ainda, sentem seu amor quando recebem presentes inesperados”, e outras sentem amor quando recebem toque físico.

Sendo assim, Chapman (2004, p. 134) afirma a importância dos pais expressarem o amor da forma que as crianças entendem. E, tentarem expressar com palavras, quando um deles não expressa seu amor, não resolve, a criança aprende mais por exemplos de atitudes ou comportamentos.

Os pais não devem negar limites para a criança, o que de acordo com Chapman (2004, p. 134), limites ou disciplina é uma necessidade emocional da criança. E consiste em, “hora de dormir, hábitos de estudo, quanta televisão assistir e que tipo de programas, se podem comer doces ou não, [...] não mude as regras o tempo todo” (CHAPMAN, 2004, 134, 135), pois geram frustrações emocionais na criança. “O amor nunca é demais, mas a disciplina é essencial” (CLOUD e TOWSEND, 2001, p. 20).

Ainda que os pais, leitores deste artigo, considerem seu lares insatisfatórios ou ruins aos seus filhos, é relevante observar a importância de seus lares. Bolwby (2006, p. 70, 71) descreve que o desenvolvimento das crianças em maus lares é melhor do que instituições consideradas boas. Sendo assim, insista, tenha esperança na criação de seus filhos. Não negligencie as crianças, pois conforme Bolwby (2006, p. 83), há “duas formas de negligência: a física e a

emocional”.

Para Bolwby (2006, p. 83-85), a negligência física é a privação de recursos econômicos, a falta de conhecimento e sabedoria da mãe, e também, enfermidade física materna. E a negligência emocional, consiste da falta de equilíbrio emocional e de enfermidades mentais dos pais. Essas patologias mentais nos pais, em muitos casos é o que não possibilita o exercício da tarefa parental afetiva dos pais para com seus filhos. Deste modo, os pais e mães que tem problemas para demonstrar afetividade aos seus filhos devem procurar profissionais, como forma de obter sanidade emocional e conhecimento suficiente, para auxiliar seus filhos na superação da orfandade funcional.

4.5 O PAPEL DA IGREJA

A igreja como uma comunidade *poimênica*, segundo Clinebell (1987, p. 25), “é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida”. E para este autor, um exemplo de como a igreja pode realizar esse ministério de cura e crescimento é “através de diversos pequenos grupos de compartilhamento” (CLINEBELL, 1987, p. 340). Deste modo, a igreja pode participar ativamente no auxílio da superação da orfandade funcional, como figura de pais ou famílias substitutas, suprimindo essa necessidade de pertencimento do indivíduo.

4.5.1 Conselheiros, líderes e pastores

Diante da importância de uma comunidade com características terapêuticas, é relevante o desenvolvimento de trabalhos educativos junto aos pais. É importante também a capacitação dos líderes e demais pessoas que estejam em posição de pastoreamento. Pois, de acordo com Clinebell (1987, p. 25), “o aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises”.

Tratar a orfandade funcional como luto ou perda, pode ser uma opção, um viés importante. Conforme Maldonado (2005, p. 18), uma crise é definida pela percepção pessoal diante de um fato que a impacta, e “o pesar está presente em todas as mudanças, perdas e transições importantes na vida, não só por ocasião da morte de uma pessoa amada” (CLINEBELL, 1987, p. 212).

Segundo Maldonado (2005, p. 75), muitas pessoas nas igrejas “debatem-se diariamente na agonia de seus pesares não resolvidos, na dor de seus lutos não elaborados e na paralisia de um coração ferido”. Para Stroebe (1992, *apud*, WORDEN, 2013, p. 21), o luto ou a perda é um processo de reestruturação cognitiva.

4.5.2 Tarefas que auxiliam no processo de reestruturação cognitiva

Esse processo de reestruturação cognitiva para Worden (2013, p. 21-23) consiste na realização de algumas tarefas. Primeiro, o enlutado precisa aceitar a perda, de forma intelectual e emocional, de que a pessoa faleceu, para que o processo de luto não fique estagnado. “A ferida do pesar não pode sarar completamente até que se tenha *aceito a realidade* da perda, [...] e começado a formar outros relacionamentos que proporcionem novas fontes de satisfação emocional” (CLINEBELL, 1987, p. 217).

No caso do órfão funcional, ele precisa estar consciente de que seus pais foram ausentes na sua criação, ou em determinadas áreas, e não criar expectativas em coisas que estão “mortas” neles, e aceitar a realidade para prosseguir em frente no seu processo de superação deste tipo de orfandade.

Segundo Worden (2013, p. 24, 25), independentemente da intensidade de sua dor, cada indivíduo quando perde alguém com quem tem vínculo deve processar a dor que está sentindo, sem tentar bloqueá-la ou negá-la. Pois, conforme o autor, a dor do luto, bem como outras emoções ligadas à perda, como “ansiedade, culpa, depressão e solidão” (WORDEN, 2013, p. 25), se não forem processadas de forma adequada, possivelmente o enlutado depois terá que fazer terapia para trabalhar com a dor evitada. Assim, deve-se orientar o órfão funcional a expressar seus sentimentos, processando a dor daquilo que ele percebe como perda, para sanar possíveis emoções negativas que o aflige.

Terceiro, de acordo com Worden (2013, p. 26), quem passa pelo processo de perda, ou profundo pesar, terá de ajustar-se para fazer as coisas que deveriam ser realizadas pela outra pessoa. E nisto, irá perceber ou aprender que há sentido na vida sem a presença da pessoa falecida. Segundo Maldonado (2005, p. 82), “alguém pode assumir os papéis que o falecido realizava”. Desta forma, alguém pode assumir temporariamente o papel de uma figura paterna ou materna para auxiliar o órfão funcional, até ele perceba que há sentido em prosseguir com a ausência de seus pais em determinadas áreas de sua vida.

Consequentemente, isso ajudará o enlutado definir sua identidade, ajustar-se à imagem que tem de si, a lidar com a autoestima e a percepção de adequação ou inadequação frente aos novos papéis ou realidade (WORDEN, 2013, p. 27). Assim, o órfão funcional pode ser orientado e afirmado sobre sua identidade, que ele tem valor como indivíduo e capacidade de enfrentamento frente sua situação.

Portanto, é importante para o órfão funcional o “enterro” das expectativas sobre o que pais e mães não podem supri-los, liberar perdão e caminhar para o amadurecimento com

consciência de que há outras formas do suprir de suas necessidades emocionais.

5 A BÍBLIA E O ÓRFÃO

Segundo Craigie (2013, p. 202), “Deus tinha especial preocupação que os membros da comunidade, cuja posição social e econômica fosse insegura, recebessem tratamento justo e adequado”. E de acordo com Thompson (1982, p. 238), “a justiça para com os indefesos [...], é um tema clássico para os antigos moralistas, quer no Egito, Canaã ou Israel”.

Demonstrando esta preocupação divina, Craigie (2013, p. 224) cita a legislação de várias práticas religiosas em Deuteronômio 14.1-29, sendo que uma delas é o dízimo, e este está relacionado também ao órfão.

Ao final de cada três anos, tragam todos os dízimos da colheita do terceiro ano, armazenando-os em sua própria cidade, para que os levitas, que não possuem propriedade nem herança, e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas que vivem na cidade venham comer e saciar-se, e para que o Senhor, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos (Dt 14. 28, 29, BÍBLIA NVI, 2003, p. 289).

Deste modo, pela legislação que Deus criou, aqueles que não tinham meios de subsistência, recebiam sua provisão. Essa legislação, segundo Kramer (2006, p. 90), funciona como uma “rede de leis da previdência e da promoção social”. “Assim, a saúde e o bem-estar da comunidade seriam mantidos e o povo continuaria a experimentar as bênçãos de Deus que os conduziria à prosperidade” (v. 29b) (CRAIGIE, 2013, p. 229). Ou seja, parte da prosperidade da comunidade estava vinculada em ajudar, se compadecer dos menos favorecidos.

Estes menos abastados, incluindo os órfãos, estavam inclusos por Deus nas festividades, pois, de acordo com Craigie (2013, p. 240), a Festa das Semanas ou Festa da Colheita “devia ser um tempo de regozijo para os membros de toda a comunidade, pois celebrava a bondade do Senhor na provisão de alimento para mais um ano, até a colheita seguinte”. Tal comentário do autor pode ser observado no texto bíblico de Deuteronômio 16.9-12:

Sete semanas contarás; desde que a foice começar na seara, começarás a contar sete semanas.

Depois, celebrarás a Festa das Semanas ao Senhor, teu Deus; o que deres será tributo voluntário da tua mão, segundo o Senhor, teu Deus, te tiver abençoado.

E te alegrarás perante o Senhor, teu Deus, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o levita que está dentro das tuas portas, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão no meio de ti, no lugar que escolher o Senhor, teu Deus, para ali fazer habitar o seu nome.

E lembrar-te-ás de que foste servo no Egito, e guardarás estes estatutos, e os farás (BÍBLIA PENTECOSTAL, 1995, p. 316).

Craigie (2013, p. 301) também menciona a legislação descrita em Deuteronômio 24. 17-22, onde determina que os israelitas devessem praticar a justiça para com o estrangeiro e o órfão. Não apenas o rei, “mas toda a sociedade” (THOMPSON, 1982, p, 238). Igualmente ao fazer a colheita do trigo, da azeitona e das uvas, deveriam deixar as sobras para o estrangeiro, a viúva e o órfão. A razão alegada para este comportamento é o fato de que os israelitas também foram escravos e estrangeiros na terra do Egito e que, portanto, conheciam as necessidades e as aflições de pessoas nestas situações de carência.

Não neguem justiça ao estrangeiro e ao órfão, nem tomem como penhor o manto da viúva. Lembrem-se de que vocês foram escravos no Egito e de que o Senhor, o seu Deus, os libertou; por isso lhes ordeno que façam tudo isso. Quando vocês estiverem fazendo a colheita de sua lavoura e deixarem um feixe de trigo para trás, não voltem para apanhá-lo. Deixem-no para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva, para que o Senhor, o seu Deus, os abençoe em todo o trabalho das suas mãos. Quando sacudirem as azeitonas das suas oliveiras, não voltem para colher o que ficar nos ramos. Deixem o que sobrar para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. E quando colherem as uvas da sua vinha, não passem de novo por ela. Deixem o que sobrar para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. Lembrem-se de que vocês foram escravos no Egito; por isso lhes ordeno que façam tudo isso (Dt 24.17-22, BÍBLIA NVI, 2003, p. 300).

Deus não queria que na terra prometida as pessoas se sentissem à margem da sociedade. E segundo Craigie (2013, p. 302), esta era a forma como as pessoas, no caso, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas teriam “sua participação no fruto da terra e poderiam manter sua honra e seu respeito próprio”.

Tal importância é salientada por Ridderbos (1995, p. 71), onde o povo de Israel na Bíblia devia “agir judiciosamente nas causas dos órfãos, que não conseguem que seus clamores se façam ouvir nos tribunais”, e para isso se faz valer passagem bíblica de Isaías 1:17-18.

Aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Litem pelos direitos do órfão defendam a causa da viúva. “Venham, vamos refletir juntos”, diz o Senhor [...] (BÍBLIA NVI, 2003, p. 1139).

Nesta inclusão dos órfãos e demais menos favorecidos, segundo Platt (2016, p. 103), observa-se a paixão de Deus por demonstrar seu poder e amor pelo órfão. E o autor cita Deuteronômio 10. 17, 18 e Isaías 1.17, em que o Senhor não faz acepção de pessoas, e ensina seu povo a praticar o bem fazendo justiça para que cesse a opressão. E por isso, o Senhor faz justiça ao órfão provendo-lhe alimento e vestuário.

A Bíblia deixa claro que “a religião pura e imaculada diante do nosso Deus e Pai é esta:

visitar os órfãos e as viúvas nas suas dificuldades e não se deixar contaminar pelo mundo”¹² (PLATT, 2016, p. 103). E, de acordo com o autor, visitar neste contexto é mais do que um cumprimento superficial uma vez ou outra aos desvalidos¹³. Visitar tem um significado mais profundo, que é demonstrar interesse e comprometimento pelo bem-estar do outro (PLATT, 2016, p. 104).

Essa profundidade no comprometimento com o próximo torna-se uma forma de suprir o órfão e o órfão funcional nas suas necessidades psicoemocionais, é a proximidade, criar relações de apego ou vínculo.

As “pessoas podem reproduzir na relação com Deus o mesmo tipo de apego humano, o que permite a internalização de um Deus que traz conforto ou segurança última em meio à perda e à dor” (ESPERANDIO e AUGUST, 2014, p. 252). Assim, não é surpresa que Deus demonstre tanta preocupação em suprir as necessidades das pessoas em situação de orfandade, para que as mesmas se apeguem a Ele, não se sentindo, de maneira nenhuma, órfãs, seja qual for a classificação do tipo de orfandade. E “certamente tal obra não está restrita à igreja, porque a pessoa não tem de ser cristã para se importar com o órfão” (PLATT, 2016, p. 118).

Os filhos de Eli, o sumo sacerdote, são exemplos de personagens bíblicos que podem ter reproduzido na relação com Deus o mesmo tipo de apego humano. Eles são filhos órfãos funcionais, o que pode ser observado em I Samuel 2.12-29 (PASTORAL, 1995, p. 289, 290), onde Eli como pai, sempre estava informado do comportamento degradante de seus filhos, mas respeitava mais aos filhos do que a Deus. Conforme a Bíblia de Estudo Pentecostal (1995, p. 432), “seu pai, Eli, o sumo sacerdote, não os disciplinou, nem os destituiu do sacerdócio”. Eli negligenciou a educação dos filhos, quanto às regras e limites, automaticamente desautorizando o homem que sacrificava, pois seus filhos não o respeitavam. E, conseqüentemente, seus filhos reproduziram a relação de apego que tinham com o pai negligenciando e não respeitando Deus.

Outro exemplo que envolve negligência na educação dos filhos na Bíblia, são os filhos de Davi, Amnom, Absalão e Tamar. Em II Samuel 13 (PENTECOSTAL, 1995, p. 496), Amnom abusa sexualmente de sua irmã Tamar, e Davi “não repreendeu, nem castigou Amnom, conforme deveria ter feito, [...] a imoralidade com Bate-Seba, [...] destruiu sua influência moral entre os que estavam sob o seu teto” (PENTECOSTAL, 1995, p. 497). Desta forma, Davi como pai não corrigiu o filho, não defendeu a filha, e conseqüentemente, Absalão matou Amnom e se voltou contra o pai e rei, o que pode ser observado em II Samuel 13 – 18 (PENTECOSTAL, 1995, p. 496 – 505). Assim, os filhos de Davi reproduziram o comportamento negligente do pai

¹² Tiago 1:27

¹³ Desvalido significa desprotegido, pobre, desgraça e miserável (Priberam, Dicionário Online).

para com Deus.

Em suma, percebe-se claramente, na Bíblia, o cuidado de Deus para com os órfãos e os menos favorecidos, bem como orientações em relação ao suprimento das necessidades dos mesmos, sejam elas físicas, emocionais ou espirituais. Assim, no tocante as necessidades emocionais dos órfãos funcionais, Deus proporciona vínculos aprofundados nos relacionamentos uns com os outros e, por conseguinte, apeguem-se a Ele, tendo a ausência paterna e materna supridas.

6 DEUS SUPRE A AUSÊNCIA PATERNA E MATERNA

Percebe-se a intencionalidade de Deus na criação de um sistema de leis, que conduza as pessoas a criarem vínculos uns com os outros, e conseqüentemente, com o próprio Deus.

Sendo assim, as pessoas que estão de alguma forma no estado de órfãos, são dependentes de “sustento físico, emocional, relacional e espiritual”. Por isso, para Deus, a religião verdadeira é amar estas pessoas e, conseqüentemente, ser família aos que não possuem uma família (PLATT, 2016, p. 105).

Neste contexto de ser família para os que não têm uma, Platt expõe como a igreja pode ter uma intervenção significativa na vida de pessoas em situação de orfandade. Na sua igreja ele ministrou sobre Tiago 1.27¹⁴, e lançou o desafio para a pratica desta passagem bíblica. O resultado foi que mais de cento e sessenta famílias acolheram, durante um tempo, crianças e adolescentes como pais adotivos (PLATT, 2016, p. 114). Desta forma, Deus revela sua paternidade e maternidade através das ações de pessoas.

Outro exemplo, de como Deus supre a falta dos pais através de pessoas, é quando, na Bíblia, o apóstolo Paulo assumiu uma atitude paternal para com a igreja de Tessalônica¹⁵. Ele não agiu com autoritarismo, mas sim com o amor de pai. Ele se compara a um pai, utilizando de docilidade na linguagem ao se dirigir as pessoas desta igreja. Gonzáles (2005, p. 21), descreve que Deus é mais profundo na paternidade do que os pais terrenos, porque Deus é pai por ele mesmo, e nos abandonar seria como deixar de ser Deus.

Além da paternidade, Deus também revela a sua maternidade, afirmando em Isaías 49.15 “porventura a mulher esquece a sua criança de peito, esquece de mostrar sua ternura ao filho da sua carne? Ainda que elas o esquecessem, eu, eu não te esquecerei” (BÍBLIA TEB,

¹⁴ “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo” (NVI, 2003, p. 2119).

¹⁵ De acordo com 1 Tessalonisenses 2.7.

1994, p. 682). Deste modo, Deus se coloca disponível à função maternal de acolhimento e consolo.

O salmista expressa em Salmos 27.10 (BÍBLIA PASTORAL, 1990, p. 661) que, mesmo frente ao abandono de pai e a mãe, o Senhor ou Javé o acolhe. Gonzáles (2005, p. 21), cita a passagem bíblica de Efésios 3.14-15, em que, Paulo dobra seus joelhos diante do Pai, pois é dele que toda família recebe seu nome, tanto no céu e como na terra.

Para Platt (2016, p. 125,126), Deus é quem procura o ser humano para que faça parte de sua família. E, cita os argumentos do apóstolo Paulo quando o mesmo escreve sua carta aos membros da igreja de Éfeso:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença. Em amor nos predestinou para sermos adotados como filhos por meio de Jesus Cristo, conforme o bom propósito da sua vontade, para louvor da sua gloriosa graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado. Nele temos a redenção por meio de seu sangue... (Ef 1.3-7, BÍBLIA NVI) (PLATT, 2016, p. 125, 126).

Deus não somente procura as pessoas para serem parte de sua família, mas os atrai para si, os ampara e os protege das situações diversas (PLATT, 2016, p. 126). Se o leitor de alguma forma pergunta: - Como fazer parte desta família de Deus? A Bíblia no evangelho de João 1 (BÍBLIA PASTORAL, 1990, p. 1291), descreve que a Palavra, Verbo que é Jesus, deu poder a todos que o receberam de se tornarem filhos de Deus. E em 2 João 1.9, está escrito que quem persevera na doutrina ou ensinamentos de Cristo, “esse tem tanto o Pai como Filho” (BÍBLIA PENTECOSTAL, 1995, p. 1968).

Por isso, de acordo com Esperandio e August (2014, p. 258), “Deus pode ser compreendido como uma figura de apego”, de relacionamento pelas pessoas. Os autores argumentam que o relacionamento com “Deus funcionaria como apego substituto, [...] no sentido de compensar a figura humana de apego” (ESPERANDIO e AUGUST, 2014, p. 260 - 261).

Para Esperandio e August (2014, p. 258) “quem crê em Deus, Ele proporciona cuidado, e proteção, na função de porto seguro, e uma sensação de segurança, na função de base segura”. Deus demonstra como supre estas funções básicas que foram de algumas formas negligenciadas por parte dos pais e mães, e está descrito em Dt 32.11, “Ele é como a águia, encorajando sua ninhada: plana sobre seus filhotes, desdobra toda a sua envergadura, toma-os e os conduz sobre suas asas” (BÍBLIA TEB, 1994, p. 313). Pois “Deus não morre, não se afasta, nem pede divórcio” (ESPERANDIO e AUGUST, 2014, p. 257), ou seja, sempre presente, nunca ausente.

Enfim, no agir de Deus a favor dos desvalidos e desamparados, no caso, os órfãos funcionais, ouve-se “o Pai dos órfãos e o Defensor das viúvas está chamando seu povo para que tome conta dessas crianças e mulheres como se fosse da nossa família” (PLATT, 2016, p. 116).

CONCLUSÃO

Conclui-se que há muitas causas possíveis da orfandade funcional. Estas causas perpassam desde a forma como a sociedade se comporta nos relacionamentos, às configurações e reconfigurações familiares e a importância que é dada à fase infantil, até à maneira como os pais pensam que devem se relacionar com os filhos. E todos estes fatores influenciam o surgimento da ausência paterna e materna na educação dos seus descendentes.

Possivelmente há um ponto em comum nestes fatores, que é a escolha que os pais fazem ao definir quais são suas prioridades de vida, a autossatisfação ou o envolvimento e a educação dos filhos. O pai necessita repensar como a sua presença e o seu cuidado na educação de seus rebentos são vitais para o bem estar deles.

E, não menos importante, a mãe, que também tem importante função na estruturação psíquica das crianças, tem o dever moral e ético de oferecer afeto e segurança à criança, pois as falhas graves na função maternal têm consequências danosas no desenvolvimento infantil, podendo chegar às enfermidades mentais. E, se houver falhas no cuidado com filhos e filhas, que elas não sejam por negligência nos vínculos de afetividade, somente basta ser uma mãe suficientemente boa. Lembrando, que tentativas de compensar estas lacunas no relacionamento e na educação dos filhos por meio de atitudes compensatórias como a superproteção, podem complicar ainda mais os traumas da criança.

A pessoa que se encontra na situação de orfandade funcional pode dar passos práticos na superação de sua condição. Buscando a compreensão sobre como aconteciam as relações na sua família, poderá liberar o perdão e decidir quebrar os padrões de comportamento familiar, bem como suas influências negativas. E poderá fazê-lo racionalizando e meditando, assumindo a responsabilidade sobre suas decisões e atitudes, encontrando a maturidade para reconstruir sua vida, conquistando um significado existencial mais expressivo, apreciável. Sendo que, em caso de consequências mais profundas deve-se buscar o auxílio de profissionais competentes.

Percebe-se claramente na Bíblia o cuidado de Deus para com os órfãos e os menos favorecidos. Deus deixou suas orientações no formato de leis, para que as necessidades dos carentes sejam supridas, em todos os âmbitos: físico, emocional e espiritual. Quando suprimos as necessidades dos órfãos, estamos praticando o que Deus define como a verdadeira religião,

pura e imaculada.

Desta forma, o Senhor mostra sua paternidade e maternidade através de pessoas, e as conduz para se posicionarem e agirem contra a cultura do abandono e desamparo que caracteriza a “Sociedade dos Filhos Órfãos”. E através destes meios em que Deus mostra seu cuidado, proteção e amor, proporciona que os órfãos funcionais se apeguem a Ele.

Apesar do tema, órfãos funcionais, ser pouco pesquisado, e haver uma quantidade irrisória de bibliografia a respeito do assunto, os líderes das igrejas necessitam se preparar, pesquisando e obtendo conhecimento sobre a orfandade funcional.

Primeiro para identificar os possíveis erros que possam ter cometidos com seus filhos e, conseqüentemente, poder ajudá-los, de alguma forma, na superação das conseqüências desses erros. E posteriormente, ensinar os pais que são membros de suas comunidades, até mesmo visitantes, a respeito da orfandade funcional.

O presente artigo também deve contribuir como um alerta para que pais e mães sejam de fato efetivos na educação de seus filhos e, que as igrejas se preocupem com a formação de pais conscientes de suas prioridades no exercício da função paternal e maternal.

REFERÊNCIAS

AMARO, Jorge W. F. **A construção do conhecimento e o aprisionamento pelos seus referenciais**. São Paulo: Casa Leitura Médica, 2010.

AURÉLIO, Dicionário do. Disponível em:
<<https://dicionariodoaurelio.com/busca.php?q=%C3%B3rf%C3%A3o>>. Acessado em: 03/03/2017.

AZEVEDO, Roberto. Transtornos afetivos da infância e adolescência. Tradução: Francisco B. Assumpção Jr. **In: Aspectos psicodinâmicos de transtornos afetivos da infância e na adolescência**. São Paulo:1996, Lemos. (não publicado).

BÍBLIA de estudo PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA de estudo NVI. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BÍBLIA de estudo TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

BOLWBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. Tradução: Vera Lúcia Baptista de Souza e Irene Rizzini. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHAMPLIN, Russel Norman. BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia**. São Paulo: Candeia, 1991.

CHAPMAN, Gary. **Esperança para os separados**. Tradução: Susana Elisa Klassen. São

Paulo: Mundo Cristão, 2004.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento**. Tradução: Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

CORSO, Diana Myriam Lichtenstein. O teleorfanato nosso de cada dia. **In: Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n.16, p. 149, jul. 1999. Disponível em: <<http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista16.pdf>>. Acesso em: 09/10/2017.

CRAIGIE, Peter C. **Comentários do Antigo Testamento – Deuteronômio**. Tradução: Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: 2003.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. AUGUST, Hartmut. Teoria do apego e comportamento religioso. **In: Revista Interações**, Belo Horizonte, v. 9, n. 16, p. 243-265, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/P.1983-2478.2014v9n16p243/7648>>. Acesso: 14/10/2017.

GONZÁLES, Carlos Ignacio. **A boa nova: Deus é pai**. Tradução: Gilmar Sanit'Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2005.

KRAMER, Pedro. **Origem e legislação do Deuteronômio: programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos**. São Paulo: Paulina, 2006.

KRUGER, Liara Lopes. WERLANG, Blanca Susana Guevara. O genograma como recurso no espaço conversacional terapêutico. **In: Periódicos Eletrônicos em Psicologia: Avaliação Psicológica**, 2008, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 415-426, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v7n3/v7n3a13.pdf>>. Acesso em: 14/10/2017.

MALDONADO, Jorge. **Crises e perdas na família: consolando os que sofrem**. Tradução: Carlos "Catito" Grybowski. Viçosa: Ultimato, 2005.

MIELNIK, Isaac. **O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa.

MONDARDO, Anelise H.; VALENTINA, Dóris D. **Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança**. In: Educadores dia a dia. 1998. PUC-RS. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/PRC/VOL11N3/18.PDF>. Acesso em: 09/03/2017.

MORAES, Reginaldo Pereira. SANTOS, Vânia Jacobs dos. **Cuidando de vidas: pesquisas nas áreas de teoria e prática do cuidado pastoral**. Edilson Soares de Souza, Willibaldo Ruppenthal Neto. Organizadores – Curitiba: Faculdades Batista do Paraná, 2015.

PEDRINI, Alírio José. **A cura psíquica na formação inicial e permanente**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

PFEIFFER, Charles F. VOS, Howard F. REA, John. Alma. 2. ed. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 80.

PLATT, David. **Contra cultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia.** Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.

PRIBERAM. Dicionário da língua portuguesa online. Disponível em:

<<https://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 03/03/2017.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário.** Tradução: Adiel Almeida de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SARAIVA, Luciana Martins. REINHARDT, Marcelo Calcagno. SOUZA, Rita de Cássia de. A função paterna e seu papel na dinâmica familiar e no desenvolvimento infantil. **In: Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 52 -67, 2012. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=103>. Acesso em: 09/10/2017.

SINAY, Sergio. **A sociedade dos filhos órfãos.** Tradução: Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

STOOP, David. **Perdoando nossos pais, perdoando a nós mesmos.** Tradução: Josiane Zanon Moreschi. Curitiba: Esperança, 2014.

THOMPSON, Bruce. **Paredes do meu coração.** Almirante Tamandaré: Jocum Brasil, 2011.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio: introdução e comentário.** Tradução: Carlos Osvaldo Pinto. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

VITORELLO, Marcia Aparecida. Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? **In: Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, n.32, p. 7-24, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100002>. Acesso em: 02/04/2017.

WINNICOTT, Donald W. **Tudo começa em casa.** Tradução: Paulo Sandler. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do luto e Terapia do Luto: Um manual para profissionais da saúde mental.** Tradução: Adriana Zilberman, Letícia Bertuzzi, Susie Smidt. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.